

A crise de refugiados na fronteira sudoeste americana

EVA PAULINO BUENO*

Resumo

Este ensaio faz uma breve análise da situação atual dos refugiados/imigrantes ilegais na fronteira sudoeste dos Estados Unidos. Buscando compreender a razões da chegada de tantas crianças, jovens e mulheres à região, o texto apresenta explicações históricas e políticas para a avalanche de pessoas sobrecarregando os serviços de imigração e as instituições que cuidam dos recém-chegados.

Palavras-chave: Menores desacompanhados; imigrantes ilegais; refugiados; fronteira sudoeste Americana; acordos econômicos; lutas políticas.

Abstract

This essay makes a brief analysis about the current situation of the refugees/illegal immigrants in the Southwest frontier of the United States. Trying to understand the reasons for the arrival of so many children, young people and women, the text presents historic and political explanations for the avalanche of people crowding the immigration facilities and institutions for the care of the newly-arrived.



* **EVA PAULINO BUENO** é professora de Espanhol e Português na St. Mary's University, em San Antonio, Texas. É autora de vários livros e artigos sobre literatura brasileira, cultura popular, e estudos da mulher. Seu projeto mais recente é um livro sobre o teatro brasileiro de 1970 aos nossos dias.

Eles chegam. E chegam. E chegam. Alguns desacompanhados, uns poucos pelas mãos das mães, ou de irmãos só um pouco maiores. A maioria traz um galão de água, muitas vezes já seco. E a roupa do corpo, sapatos e sandálias gastos pela longa travessia. Pelas imagens mostradas na televisão, estão exaustos, e trazem no rosto algo próximo ao desespero, e muitas vezes como que um vazio mesmo. São crianças e adolescentes vindos da América Central, especialmente El Salvador, Honduras, Guatemala e México. Por que vêm? Como vêm? Que esperam ao chegar aos Estados Unidos? Como são recebidos? Estas são algumas das perguntas que têm tomado conta da discussão neste país nos últimos meses.

De acordo com informações na mídia americana, e por minha própria verificação em pessoa em um abrigo aqui em San Antonio em 2011, sempre houve este fenômeno de chegada de jovens latino americanos aqui na nossa cidade, que afinal é a maior cidade texana mais próxima da fronteira com o México. O que não tem precedentes é o volume dos que chegam. O jornal local *Current*, trás a seguinte informação:

U.S. Customs and Border Protection [CBP] figures show the number of unaccompanied children apprehended along the southwestern border through the first eight months of fiscal 2014 alone stood at 47,017 (nearly equivalent to the population of San Marcos, TX). That's up 92 percent from a total of 24,493 children taken in to custody for all of fiscal 2013.¹

¹ “O Serviço de Alfândega e Proteção de Fronteira (CBP) dos Estados Unidos informa que o número de crianças desacompanhadas apreendidas ao longo da fronteira do sudoeste nos oito primeiros meses de 2012 chega a 47.017 (mais ou menos equivalente à população da

Este aumento indica que algo está acontecendo, dos dois lados da fronteira, para incentivar aos pais a que deixem seus filhos — alguns de menos de 10 anos de idade — a enfrentar os perigos da viagem. Perigos que vão desde serem pegos em fogo cruzado na guerra das gangues de droga, morte por fome, calor, sede, ou também podem se transformar em vítimas de abusos sexuais pelos coiotes e seus asseclas, ou serem simplesmente abandonados à morte certa no meio do espaço árido entre os Estados Unidos e México. E, no final, aos chegarem à fronteira, muitos recebem a informação que têm que atravessar o Rio Grande a nado, se quiserem chegar ao outro lado. Muitos morrem afogados. Mas mesmo assim — e imagino que embora alguns venham inocentes dos perigos, muitos vêm cientes do que têm que suportar até botarem os pés em solo americano—o número dos que chegam está aumentando. Algo os impulsiona.

Por que eles vêm?

Alguém outro dia, em uma discussão informal em um grupo sobre esta crise, disse que, na realidade, estas pessoas não estão “vindo” aos Estados Unidos; elas estão “voltando” à terra que sempre foi delas. Mas eu acredito que tal não seja o caso, pelo menos não conscientemente. Afinal, a guerra que causou a anexação dos territórios do norte do México aos Estados Unidos aconteceu há muito tempo, e as pessoas que se colocam na estrada nesta trajetória desesperada não sabem destas

cidade de San Marcos, Texas). Este número representa 92 por cento de um total de 24.493 crianças apreendidas durante todo o ano de 2013.” (Tradução da autora). Ver <http://sacurrent.com/news/san-antonio-is-now-ground-zero-for-a-growing-refugee-crisis-1.1706469?pgno=1>

coisas. Na página do Historiador do Departamento de Estado (*US Department of State, Office of the Historian*), lemos que,

During his tenure, U.S. President James K. Polk oversaw the greatest territorial expansion of the United States to date. Polk accomplished this through the annexation of Texas in 1845, the negotiation of the Oregon Treaty with Great Britain in 1846, and the conclusion of the Mexican-American War in 1848, which ended with the signing and ratification of the Treaty of Guadalupe-Hidalgo in 1848.²

De 1848 a 2014 são mais de cento e cinquenta anos. Os que se colocam na estrada, à pé, não sabem destas coisas do passado, de lutas por território. Entre os mais educados pode ser que saibam, e que se ressentam do que consideram ter sido um “roubo” da sua terra, mas isto já pressupõe um nível de escolaridade que estas crianças e jovens não têm. Eu acredito que existem vários fatores que contribuem para este êxodo, e estão plantados em problemas muito mais recentes, e todos eles completamente fora da alçada dos que agora se arriscam nas estradas.

Um deles foi a total desestabilização política dos países centro-americanos durante a campanha pelas ditaduras “anti-comunistas” promovidas pelos Estados Unidos nos anos 70 e 80.

² “Durante sua presidência o presidente Americano James K. Polk supervisionou a maior expansão territorial dos Estados Unidos até aquela data. Polk conseguiu isto através da anexação do Texas em 1845, da negociação do Tratado de Oregon com o Reino Unido em 1846, e com a conclusão da Guerra México-Estados Unidos em 1848, que terminou com a assinatura e ratificação do Tratado de Guadalupe-Hidalgo em 1848.” (Tradução da autora). Ver <https://history.state.gov/milestones/1830-1860/texas-annexation>

Milhares de pessoas foram mortas nesta campanha, destruindo as redes de famílias, de bairros, de cidades que compunham a espinha dorsal política de países como Honduras, Bolívia, El Salvador, etc. Quanto ao sul do México, basta lembrar que a região de Chiapas tem sido massacrada historicamente pelos próprios mexicanos, devido à alta presença de uma população indígena de origem maia, diferente da população indígena do norte, e menos mesclada com os brancos espanhóis, devido às distâncias e isolamento.

Já nos anos 90, a assinatura de vários tratados de “cooperação” trouxeram consequências sinistras. Por exemplo, em *Immigration, Citizenship, and US/Mexico Relations, The Tale of Two Treaties*, Kevin R. Johnson escreve que a assinatura do tratado NAFTA — Nort American Free Trade Agreement, em 1994, foi diretamente responsável pelo aumento do sentimento anti-mexicano, que levou à passagem da proposição 187 na Califórnia, um marco nas restrições a mexicanos e produtos mexicanos (23). Mas, ao mesmo tempo, produtos americanos — especialmente produtos agrícolas que são subvencionados pelo governo, inundaram o mercado centro-americano e mexicano. Muitos dos pequenos agricultores, incapazes de competir com os preços “walmartizados” que vinham dos Estados Unidos, entraram em falência. As pequenas propriedades agrícolas, que produziam o suficiente para a subsistência das famílias e um pouco mais para a troca/venda, deixaram praticamente de existir. A consequência é fácil de se ver. Desempregados, desesperados, muitos se voltaram ao tráfico de drogas, para suprir a insaciável necessidade dela nos Estados Unidos. Isto, e mais a extrema pobreza prevalente em Honduras,

Guatemala, sul do México, etc., são os fatores principais desta debandada de pessoas destes países, tentando de todas formas chegar aos Estados Unidos, onde acham que vão ter melhores condições de vida. E, na verdade, para alguns, isto se realiza.

Mas deve haver uma diferença entre o que estava acontecendo até há pouco tempo, e o que está acontecendo agora, com esta crise humanitária na fronteira. O tipo de pessoas chegando nestes últimos meses é diferente.

Os Estados Unidos contavam com mais de 40 milhões de pessoas vivendo aqui ilegalmente em 2012, de acordo com estatísticas do MPI – *Migration Policy Institute*. A página do Instituto diz o seguinte sobre este número de ilegais:

[It]is the nation's historical numeric high, and it is also the largest in the world. About 20 percent of all international migrants reside in the United States, even as the country accounts for less than 5 percent of the world's population.³

Talvez os latino americanos dos países que enviam mais migrantes aos Estados Unidos já não possam mais oferecer aos seus jovens nem o sonho de um futuro melhor. Vejamos a situação atual de Honduras, por exemplo, um país do qual vêm mais destas crianças. (ver figura 1). Joshua Partlow, do *The Washington Post* de 15 de julho de 2014, diz que as crianças estão fugindo

de Honduras porque lá, um bom trabalho significa trabalhar numa fábrica de roupas íntimas para ganhar \$47 dólares por semana.⁴ Já o jornal *The Guardian* de 9 de julho de 2014, com uma reportagem mais ampla, assinada por Jo Tuckman, fala com algumas das pessoas que tentaram passar para os Estados Unidos, e revela tanto o grande desespero como o medo que leva especialmente mulheres a saírem em busca do sonho. Para a maioria, uma volta à terra natal, crivada de gangues rivais, é uma sentença de morte, senão para elas, então para seus filhos e filhas. E, o que é pior, muitas destas pessoas venderam tudo o que tinham para financiar a viagem. Agora, estão perdidas em San Pedro Sula, “*the most violent city in the world*”—“a cidade mais violenta do mundo”—onde além de tudo, têm que sofrer violência e abusos de todas formas pelos próprios soldados mexicanos, que fecham os olhos às atividades dos coiotes enquanto perseguem os recém-chegados. Nestes lugares, a vida humana vale bem pouco. Os imigrantes/refugiados, sem pai e sem padrinho, são os sacos de pancada. Mas não podem voltar pra sua terra. Estão literalmente dentro do cenário de pesadelo: “se correr o bicho pega, se ficar o bicho come.” Eles têm que avançar, seguir adiante.

³ “É o número mais alto (de ilegais) da história da nação, e é também o maior do mundo. Cerca de 20 por cento de todos os migrantes internacionais do mundo reside nos Estados Unidos, embora o país tenham menos que 5 por cento da população do mundo.”(Tradução da autora). Ver

http://migrationpolicy.org/programs/data-hub?gclid=CjwKEAjl7ieBRCK2rCtqcCS7jESJACZKQFKNSA9xSNRClPpyApHeMj5d9No m2YmbEPLiobym70nnhoCTznw_wcB

⁴

Ver

http://www.washingtonpost.com/world/honduran-child-migrants-leave-home-because-of-poverty-and-fear/2014/07/15/9f073040-a56d-488c-9473-1265d1a8c2aa_story.html



Home » Programs

Data Hub



Fig. 1

Há outras opiniões sobre o que está acontecendo. Para a maioria dos republicanos, Obama é responsável (e alguns dizem que o incitador) desta avalanche. Afinal, dizem eles, Obama foi quem lutou para dar aos ilegais que vieram na primeira infância e aqui ficaram (e que muitas vezes nem conhecem seu suposto país de origem) de entrar num sistema de legalização dos chamados “Dreamers”—“Sonhadores.” Na figura 2, por exemplo, vemos um grupo de anti-imigrantes protestando do lado de fora de uma das estações da patrulha da fronteira (*The Guardian*, 9 de julho de 2014). Para estes manifestantes, é uma afronta deixar que entrem estas crianças, que, para eles, são a causa dos problemas do país, que vão custar dinheiro, que aumentam a violência, etc. No dia 1 de julho de 2014, um grupo de manifestantes da cidade de Murrieta, na Califórnia, bloqueou os ônibus que chegavam à cidade trazendo as crianças para passarem pela triagem da imigração (*El Financiero*, figura 3). Os ônibus continham 140 pessoas, entre adultos e crianças, que supostamente receberiam a permissão de sair das instalações com um acordo de regressarem quando fossem chamadas, para serem deportadas. Os manifestantes diziam que era um absurdo liberarem estas pessoas na sua cidade de 170 mil pessoas, e que eles trariam muitos problemas, insegurança, gangues. Quando os líderes latinos da cidade souberam do que estava acontecendo, improvisaram uma contra-manifestação. Quatro dos manifestantes foram presos ao atacarem membros da patrulha da fronteira.



Anti-immigration activists protest outside the US border patrol station in California earlier this week. Photograph: Sandy Huffaker/Getty Images

Fig 2



Fig 3.

O interessante é que, se por um lado os republicanos acusam Obama de não fazer nada para sustar esta leva de pessoas, e de contribuir para problemas com a imigração, o presidente da câmara dos Deputados, John Boehner, disse que a câmara não vai nem colocar em pauta uma discussão sobre uma reforma da imigração, se Obama enviar tal assunto a eles. O nível de obstrução chegou a um ponto, nas brigas insanas em Washington, que às vezes o que se escuta de sessões da câmara e do senado se parecem mais com uma peça absurda de Ionesco, que discussões civilizadas entre membros eleitos para representar o povo. Enquanto isto, o governador do Texas, Rich Perry (no poder desde 2000, graças a mudanças de leis propostas por ele, e por votos de porteira fechada) quer enviar mil soldados armados para a fronteira, pra fazer com que os jovens e crianças que cheguem à fronteira voltem sem entrar. Em outras palavras: as crianças a mães desesperadas chegando de uma terra em guerra vão ser recebidas a balas, feito animais selvagens.

Se ficar o bicho come, se correr o bicho pega.

Supondo que entrem

E ainda assim, alguns dos que chegam nestas condições ao país, conseguem entrar. E ficar, e conseguir um emprego. Qual é realmente a situação do ilegal neste país? Jennifer Medina, do jornal *New York Times* do dia 26 de julho de 2014 diz que “a maioria das crianças que entram nos Estados Unidos estão agora com parentes.” De acordo com Medina “Um total de 30,340 crianças foram entregues aos seus *sponsors* — principalmente pais e outros parentes — desde o início do ano até o dia 7 de

julho.”⁵ O Texas é o estado que recebeu mais crianças, com 4.280, e estados como Nova Iorque (3.347), Flórida (3.181), Califórnia (3.150), com Maryland e Virgínia também recebendo pelo menos duas mil crianças. Mas os números desde outubro do ano passado são muito maiores, com 53.000 refugiados desde outubro de 2013.

Naturalmente, como sempre, os mais afortunados são aqueles que têm parentes já estabelecidos aqui, legal ou ilegalmente. Existe uma vasta rede de apoio, informal, que funciona há muitos anos, mesmo antes desta “distribuição” de crianças que está acontecendo em 2014. Embora eu pessoalmente nunca tenha visto isto, sei que muitos ilegais aqui conseguem os seus números de seguro social, com os quais podem conseguir carteira de motorista (a nossa identificação), e emprego, e acabam se arranjando de uma forma ou outra. Mas é uma vida difícil, cheia de medos, especialmente no começo, em que eles acabam vendo a “migra” pra todo lado. Com o tempo as pessoas se acostumam, e fazem sua vida aqui, de uma forma ou de outra. Mas qualquer problema — mesmo serem parados no tráfego por causa de um farol estragado no carro (um caso que eu conheço pessoalmente) — a pessoa é enviada de volta ao seu “país de origem.” Muitos dos que são presos assim, aleatoriamente quase, não se lembram de sua terra natal, nunca estiveram lá depois que vieram aos Estados Unidos, e a grande maioria se adaptou tão bem aqui que mal fala espanhol.

Isto sem contar com o fato de que os imigrantes ilegais são presos e processados rapidamente, e enviados de

5

Ver

<http://www.nytimes.com/2014/07/26/us/migrant-children-texas-released-to-relatives.html?emc=eta1&r=0>

volta, despejados em alguma cidade do outro lado da fronteira. Deixam aqui famílias, muitas vezes com filhos pequenos, mulheres grávidas, casas pra pagar, prestações de carro, bicicleta, etc. Outro dia ouvi uma entrevista com um destes homens, que quase não conseguia falar, de tanto que chorava. Ele havia sido apanhado numa batida no trânsito, e embora tenha vivido aqui desde a adolescência, tenha trabalho, tenha família, e a mulher grávida, foi enviado de volta ao México, onde já não conhece ninguém. Na entrevista, havia acabado de falar por telefone com o filho de 3 anos, e o menino perguntava pra ele quando ele ia voltar, que estava com saudade. Aquele homem disse que, logicamente, ia tentar voltar, se reunir com sua família, nem que tivesse que morrer tentando. Então esse homem, assim como muitos outros, e como muitas mulheres com seus filhos, com suas histórias de dor, de medo, de perseguição pelas quadrilhas, descaso oficial dos seus países, vão tentar outra vez, atravessar a fronteira, vir fazer o “sonho americano,” mesmo sabendo que as possibilidades de chegarem até aqui são mínimas.

Que mais podem fazer? Não têm mais nada que os prenda aos seus países e os Estados Unidos — por pior que alguns achem que seja—ainda tem algumas vantagens básicas, que é o que eles querem e precisam pra sobreviver, ir tocando, até que um milagre aconteça.

E, por falar em milagres...

Como qualquer pessoa que vive há uns anos aqui nos Estados Unidos sabe, desde que Obama entrou no poder, a câmara dos deputados federais (*The House of Representatives*), que tem a maioria republicana, não aceita absolutamente nada do que ele propõe.

Uma das maiores brigas foi para que passasse a lei que assegura a todos acesso a tratamento de saúde. Foram meses e mais meses de discussões, de concessões por parte dos democratas, pra que saísse alguma lei. E saiu, de fininho, mas tão modificada, tão complicada, que não chega a fazer um terço do que a lei original propunha. E quando foi a hora da lei entrar em vigor, a ala radical dos republicanos — da chamada *Tea Party* — fechou o governo (custando bilhões de dólares ao país) para que a lei não fosse posta em prática. E, quando a página para as pessoas se inscreverem teve problemas técnicos, a risada republicada era ouvida em todos os cantos. Nada mais importa a estes políticos, a não ser a destruição dos planos de outro partido. A política aqui virou um esporte sangrento e sem honra.

E as pessoas que não têm seguro de saúde, e que contavam com esta lei pra poderem ter um mínimo absoluto de segurança? Elas que se danem. Os deputados, assim como os senadores, além de ganharem um excelente salário, e terem todos os tipos de mordomias, têm um seguro de saúde vitalício. Quem vai ter tempo de se importar que alguém morre porque não pode comprar insulina? Quem manda ser pobre?

Agora, voltando aos milhões de pessoas ilegais neste país, como é que sua situação vai ser resolvida? Qual país aceitaria tantos milhões de pessoas chegando às suas fronteiras, assim? E — talvez mais importante — estão todos simplesmente tentando fugir de seus países para conseguir melhores condições de vida no país mais rico, ou estão pelo menos uma porcentagem tentando fugir de guerra e se refugiar onde (pelo menos teoricamente) têm maior chance de sobreviver? E qual seria o impacto econômico real se todos

os imigrantes ilegais miraculosamente deixassem de existir? Quem iria fazer o trabalho duro, do campo, de limpeza, que os ilegais fazem? A infraestrutura do país basicamente cairia por terra.

Mas os jovens e crianças e mães que estão chegando à fronteira neste momento não são este tipo de imigrante que vem aqui “pra conseguir trabalho.” A maioria deles estão fugindo para salvar suas vidas, da mesma forma que fogem os perseguidos em vários países do mundo, especialmente nas regiões em guerra. Logicamente, os republicanos e até alguns democratas não querem que os que chegam à fronteira tenham o status de refugiados. Isto lhes daria direitos concedidos inclusive por órgãos internacionais, e já vemos que, de alguma forma, já existe um movimento não governamental para atender aos recém-chegados. Na cidade texana de McAllen, por exemplo, as *Catholic Charities* tem um centro de recepção que recebe em média 200 famílias por dia. Os bispos e arcebispos do sudoeste se reuniram com outros membros das igrejas cristãs no dia 22 de julho em San Antonio, Texas, para discutir como podem ajudar os recém-chegados. O próprio Papa Francisco se pronunciou a respeito, indicando que está preocupado e atento à situação dos refugiados aqui nos Estados Unidos. O problema agora é convencer os políticos.

Um pouco de história

Mas este impasse político não foi sempre assim. No passado recente, em 1984, em um discurso que iniciou todo um processo que por fim concedeu anistia aos “ilegais”, Ronald Reagan disse: *“I believe in the idea of amnesty for those who have put down roots and*

*lived here, even though sometime back they may have entered illegally.”*⁶

E assim foi: em 1986, foi aprovada uma lei de anistia, que deu status legal a mais ou menos 3 milhões de pessoas que estavam vivendo aqui ilegalmente. Havia mais gente ilegal, mas nem todos confiaram na proposta do governo, e não se apresentaram, com medo de serem deportados.

Mas esta lei vinha com algumas prescrições: ao mesmo tempo em que se legalizavam as pessoas que haviam chegado aos Estados Unidos ilegalmente ANTES de 1982, ela propunha também um aumento no número de agentes de fronteira, assim como diversos tipos de multas e castigos para companhias que contratassem imigrantes ilegais.

Embora o número de agentes de fronteira tenha aumentado, não aumentou na medida proposta, e a não ser em alguns casos raros, nenhum patrão foi penalizado por contratar imigrantes ilegais. São os próprios ilegais que, ao saberem que é possível uma “visita” da “migra,” tomam chá de sumiço, como aconteceu há uns três anos no popular restaurante japonês Zuchi Suchi. Como resultado do desaparecimento dos empregados, o restaurante ficou sem poder abrir por uns dois dias.

A lei de Reagan, que é considerada por muitos o seu maior legado, não foi aceita sem reclamações. Muito pelo contrário. Hoje, qualquer tentativa de se falar em “anistia,” “maneiras de

⁶ ““Eu acredito na ideia da anistia para aqueles que lançaram raízes aqui, mesmo que no passado possam ter entrado ilegalmente.” (Tradução da autora). Ver a material completa, com gravação do discurso de Reagan, em <http://www.npr.org/templates/story/story.php?storyId=128303672>

legalização,” dá de cara com a oposição republicana. Às vezes é difícil acreditar que um dia, há 18 anos, eles aceitaram a proposta de Reagan. Talvez tenha sido porque Reagan era um republicano como eles, e os que tiveram que ser “convencidos” da justiça da ideia eram parte do “coro” — eram os democratas que já estavam de acordo. Hoje, sem o apoio da Câmara de Deputados Federais, que está controlada pelos republicanos, Obama não pode propor nenhuma lei. Quer dizer: pode propor, mas não consegue nem que seja discutida seriamente.

O que terá mudado em todos estes anos, para os republicanos terem ficado tão contra os imigrantes? Talvez uma das coisas mais graves tenha sido o ataque de 11 de setembro de 2001. O país, que embora tenha na sua famosa estátua da liberdade gravadas as palavras de boas vindas aos “cansados,” aos “que fogem da guerra e da opressão,” de repente retomou uma característica xenofóbica muito mais linha dura. Qualquer um que não seja americano, é uma pessoa perigosa em potencial.

O problema aqui é que, com raras exceções, os que vêm para os Estados Unidos criam famílias aqui, trabalham, contribuem, e pagam impostos, e o que mais desejam é ser legais, é fazer parte da cidadania plena. Mas os políticos contra a admissão dos refugiados/imigrantes, apontam os maus exemplos: os jovens latino americanos que foram deportados depois de passarem um tempo na cadeia na Califórnia, e que voltaram aos seus países para criar perigosíssimas gangues de traficantes. Ou mesmo os terroristas que atacaram o país (muito embora nenhum deles era latino americano). Para estes, a história do pai de família deportado porque seu carro tinha uma luz quebrada, não importa.

E o que fazer?

No dia 21 de julho, nas notícias da televisão, entrevistaram um fazendeiro que tem um rancho muito grande em Macallen, Texas, bem na fronteira. O homem, um daqueles texanos autênticos, levou a equipe de jornalistas para ver o que os fugitivos têm feito na sua propriedade: cercas cortadas, garrações plásticos de água esparramados por todo lado, canos de água arrebentados. Ele diz que os fugitivos passam por suas terras todos os dias, mas que, pior que os danos materiais, são os danos humanos. Ele sempre encontra os corpos e os ossos dos que não conseguem sobreviver à travessia. Ele alerta as autoridades, tira fotos, e se angustia. Ele mostra uma foto dos ossos de uma quase criança, e diz que era uma menina, pelas roupas que se veem sobre os ossos. E o velho fazendeiro chora, de pena, de dor de ver que não pôde fazer nada por aquela menina. “Minha terra acaba sendo o cemitério destes pobres coitados,” ele diz.

De maneira geral, as pessoas que têm terras na fronteira têm esta mesma reação, mas nem todos. Alguns têm medo, e com razão, porque em alguns casos os coiotes trazem os fugitivos até a cidade, e os coiotes vêm armados. Eles mesmos são parte de uma rede de traficantes em seres humanos, e, considerando o que ganham pra trazer os indocumentados até aqui, não é de se admirar que não têm medo de nada, nem respeito a nada. E como coiotes e imigrantes ilegais estão basicamente na mesma categoria, a fama de um alimenta o outro. Em 2010, um fazendeiro no Arizona foi morto por um imigrante ilegal, por exemplo. Ou teria sido por um coioite. E este fazendeiro também tinha dito que, apesar dos danos causados à sua propriedade, ainda

sentia pena dos fugitivos e os ajudava como podia.⁷

As crianças, as crianças

Mas a questão premente neste momento é o que fazer com as crianças que chegam todos os dias, alguns iludidos achando que o “*Dream Act*” vai lhes garantir a entrada, outros iludidos por coites espertos que ganham até \$6.000 dólares por cabeça, adiantado; outros fugindo da guerra, e todos fugindo da miséria, da opressão e do desespero residente em seu país. Coisas que eles não fizeram. Que os antecede por décadas, pelo menos.

Eles chegam, eles chegam. Os que passam pelos inúmeros perigos e são acolhidos pelas autoridades americanas, ainda têm muito mais por que passar. E muitos serão enviados de volta para sua terra de origem. Mas falemos deste entre-período, em que eles estão no limbo, nem em sua terra, nem nos Estados Unidos.

Depois da triagem inicial, estes jovens e crianças são colocados em instituições, a maioria de fundo religioso. Aqui em San Antonio, existem três, que eu conheço pessoalmente. Em conversa telefônica com dois dos responsáveis pela Posada Guadalupe e pela *Baptist Child and Family Services* (BCFS), eles dizem que os números de jovens têm aumentado consideravelmente nos últimos meses. A BCFS tem um lugar somente para os meninos e rapazes de 5 a 17 anos, e o outro para as meninas e mocinhas da mesma idade. Eu perguntei a eles o que eles precisam de ajuda para a manutenção e o dia a dia, e eles precisam de tudo: roupas, calçados,

comida, produtos de higiene, e produtos de artesanato, livros, pentes, etc. Também precisam de professores (os quais são pagos) para começar ou continuar preparando estes jovens, ensinando-lhes inglês, matemática, e outras matérias adequadas à sua idade. Não é barato manter, ensinar, cuidar destes recém-chegados!

Eu imagino que a ideia é que, embora muitos deles têm uma grande probabilidade de serem retornados aos seus países, pelo menos se eles tiverem tido um bom tratamento aqui, e aprendido alguma coisa útil enquanto estiverem nestas instituições, poderão fazer alguma coisa com o seu conhecimento.

Por outro lado, eu acho que eles podem querer voltar aos Estados Unidos. É uma coisa simplesmente humana tentar melhorar, tentar fugir da opressão! E para os que chegam de países e regiões despedaçados pela guerra, quais são as alternativas?

Embora neste momento ainda haja alguma confusão sobre o que realmente está sendo feito, o artigo assinado por Jennifer Medina, do jornal *New York Times* do dia 26 de julho de 2014 diz que “a maioria das crianças que entraram nos Estados Unidos estão agora com parentes.” De acordo com Medina “Um total de 30,340 crianças foram entregues aos seus *sponsors* — principalmente pais e outros parentes — desde o início do ano até o dia 7 de julho.”⁸ O Texas é o estado que recebeu mais crianças, com 4.280, e estados como Nova Iorque (3.347), Flórida (3.181), Califórnia (3.150), com Maryland e Virgínia também recebendo

⁷ Ver mais sobre o assunto em <http://www.foxnews.com/us/2010/03/30/illegal-immigrant-suspected-murder-arizona-rancher/>.

⁸ Ver <http://www.nytimes.com/2014/07/26/us/migrant-children-texas-released-to-relatives.html?emc=eta1&r=0>

pelo menos duas mil crianças. Mas os números desde outubro do ano passado são muito maiores, com 53.000 refugiados desde outubro de 2013. Apesar de que esta crise do momento parece estar mais ou menos sob controle, o que está faltando é uma política séria sobre imigração, que leve em consideração a necessidade do país proteger suas fronteiras, mas não a custo de receber crianças e refugiados à bala, ou de se criar outro muro que, tal como o de Berlin e o da China, como sabemos não resolvem. Deve haver uma maneira de se encontrar uma solução equilibrada, que pese todas as consequências, e veja todos os lados.

Mas, enquanto o povo de boa vontade das cidades das fronteiras do sudoeste se organiza para ajudar as instituições que estão recebendo e cuidando das crianças e jovens recém-chegados, em Washington, Obama parecer ter desanimado de tanta picuinha e tanta encrenca política causada pelos

republicanos, pelos membros do *Tea Party*, que não oferecem soluções, só críticas destrutivas, e só querem mesmo é criar mais atritos, achar defeitos, jogar as culpas em cima dos outros. Cada dia mais, Obama parece querer se ausentar destes assuntos, decepcionando a todos que votaram nele, criando um sentido ainda maior de desilusão política, de descrença, de cinismo. Enquanto isto, as crianças continuam vindo. A situação intolerável nos países centro-americanos continua. E os políticos americanos almoçam e jantam muito bem, obrigado.

Referência

JOHNSON, Kevin R. "Immigration, Citizenship, and US/Mexico Relations, A Tale of Two Threaties." *Bilingual Review/La Revista Bilingue* 25.1 (January-April 2000): 23-38.

Recebido em 2014-07-27
Publicado em 2014-08-11